

A SEMIÓTICA NA ANÁLISE DOS MARCOS REFERENCIAIS, DO PLANEJAMENTO URBANO E DA CULTURA UCRANIANA: O CASO DE PRUDENTÓPOLIS - PR

SEMIOTICS IN THE ANALYSIS MARKS, URBAN PLANNING AND UKRAINIAN CULTURE: THE CASE OF PRUDENTÓPOLIS, PR, BRAZIL

Jorge Lubachevski¹, Cicilian Luiza Löwen Sahr²

- ¹ Autor para contato: Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Campus em Uvaranas, Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, Ponta Grossa, PR, Brasil; (42) 3229-1353; e-mail: jorgelubachevski@bol.com.br
- ² Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Campus em Uvaranas, Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, Ponta Grossa, PR

Recebido para publicação em 31/05/2004

Aceito para publicação em 10/09/2004

RESUMO

A vinda de ucranianos da Galícia para o Paraná a partir do século XIX transformou toda a região meridional ao pé da Serra Geral numa “Pequena Ucrânia”. Essa região tem seu centro cultural em Prudentópolis. As manifestações materiais e imateriais da cultura ucraniana no espaço urbano de Prudentópolis se expressam através da arquitetura, dos monumentos, da nomenclatura de ruas, da religiosidade e do idioma. O objetivo deste artigo é identificar, à luz da semiótica, os mais significativos marcos referenciais da cultura ucraniana no espaço urbano de Prudentópolis, avaliando seus valores enquanto signos identitários e sua potencialidade para o desenvolvimento municipal. Busca-se também verificar o trato político e legislativo das questões culturais nesse município. Se de um lado o poder público pode auxiliar na preservação e no resgate cultural, de outro, pode contribuir para sua descaracterização e, até mesmo, destruição. Para esta investigação recorreu-se a material bibliográfico e documental que permitisse fundamentar e articular os conceitos da semiótica, aplicando-os à interpretação do espaço urbano de Prudentópolis. Essa interpretação restringiu-se aqui a três marcos referenciais edificados – o Portal da cidade, a Igreja de São Josafat e o Colégio São José. O patrimônio paisagístico de Prudentópolis é também marcado por outras construções vultosas (igrejas, seminário e escolas) que retratam sua história e sua cultura.

Palavras-chave: marcos referenciais, semiótica, cultura ucraniana, Prudentópolis

ABSTRACT

Since the end of the 19th century, the Southern region of the foothills of the

“Serra Geral” in Paraná was completely transformed into a “Little Ukraine” by Ukrainian immigrants which had arrived from Galicia. The cultural centre of this region is Prudentópolis. Here, the material and immaterial expressions of the Ukrainian culture can be observed everywhere in the urban space, through its architecture, monuments, street names, religiosity, and language. The objective of this article is to define the most significant marks of the Ukrainian culture in the urban space of Prudentópolis, based on a semiotic analysis which evaluates the marks of identity and their potential for the development of the municipality. Furthermore, the analysis refers to the use of cultural questions in the political and legislative sphere. Even though local power institutions can help in preserving and reviving cultural elements, they can also contribute to mischaracterize or even destruct these elements. The research is based on a bibliographical and documentary analysis to understand and deepen the semiotic concepts that apply to the interpretation of the urban space of Prudentópolis. The interpretation is limited to three specific construction marks – the City Porch, St. Josafat Church, and St. Josef School. The urban landscape of Prudentópolis is also characterized by voluminous constructions (Churches, a Seminar and Schools) which clearly reflect history and culture.

Key words: Semiotics, urban marks, Ukrainian culture, Prudentópolis

Introdução

Este artigo traz como principal foco de análise, à luz da semiótica de Peirce e da semiologia de Saussure, a questão dos marcos referenciais do espaço urbano do município de Prudentópolis - PR. Perpassa aqui a preocupação em chamar atenção, principalmente do poder público de Prudentópolis e outros interessados, como por exemplo a comunidade ucraniana, para a questão da preservação das características culturais do seu espaço urbano, evitando-se o descaso para com o patrimônio cultural edificado e não edificado, que ali existe há quase um século.

Desta forma, o objetivo central deste estudo é avaliar as potencialidades e riscos do planejamento urbano na preservação da cultura ucraniana em Prudentópolis. Enfatiza-se os marcos referenciais, verdadeiros signos que caracterizam e identificam a população prudentopolitana. Se de um lado o poder público pode auxiliar na preservação e no resgate dos marcos culturais, de outro, pode contribuir para sua descaracterização e, até mesmo, sua destruição.

O planejamento urbano pode se tornar um mecanismo de preservação da cultura, sobretudo, de suas manifestações mais visíveis, como as edificações e monumentos. O patrimônio paisagístico de Prudentópolis,

impregnado da cultura ucraniana, apresenta-se como um grande diferencial para a cidade, cuja manutenção deve ser garantida pela população e por aqueles que pensam e interferem no seu planejamento.

Para fundamentar este estudo buscou-se, através de levantamento e análise de bibliografia, verificar a contribuição da semiótica para a interpretação do espaço urbano e seus marcos referenciais. Assim, este artigo estrutura-se em quatro partes. Na primeira, as reflexões teóricas visam fazer um apanhado sobre o significado da Ciência Semiótica. Na segunda, a análise gira em torno da semiótica urbana. Na terceira, é trabalhada uma tipologia dos marcos referenciais. Na quarta e última, faz-se uma leitura de três importantes marcos da cultura ucraniana presentes no espaço urbano de Prudentópolis: o Portal da Cidade, a Igreja de São Josafat e o Colégio São José.

1. Semiótica: origens e conceitos

O principal legado da Semiótica está no trato das simbologias representativas da análise semântica. Semiótica é uma ciência, segundo Santaella, de todas as línguas de um modo geral. “Semiótica é a ciência

dos signos” (1987, p. 7). Seu objeto é estudar e compreender fenômenos provenientes de uma produção de significados e de sentidos. Ou seja, as coisas, objetos materiais e não-materiais, se tornam concebíveis, traduzidos e de sentido através da semiótica com sua específica linguagem de interpretação dos fenômenos inerentes ao ser humano.

Falar em semiótica, nos remete a pensar nos autores que deram os primeiros passos na construção dessa ciência. Um dos clássicos da semiótica, Saussure (1857-1913), lingüista suíço, enfatiza o signo verbal em seus estudos. Propõe uma ciência geral dos signos, a Semiologia, onde a lingüística seria um ramo desta nova ciência. Peirce (1839-1914) – lógico, físico, matemático e filósofo norte americano – utiliza-se da lógica como principal fonte de raciocínio. Ele lutou bravamente a vida toda para que a Lógica fosse reconhecida como ciência. Pierce não distinguia Lógica de Semiótica no trato de questões fenomenológicas, ou seja, de todas as coisas que preenchem a vida do ser humano, independente de serem materiais, como, por exemplo, um móvel numa sala de visita de algum indivíduo, ou serem imateriais, como uma crença religiosa.

No trato dos fenômenos, Pierce configurou três categorias ou três modalidades, “...possíveis de apreensão de todo e qualquer fenômeno” (Santaella, 1987, p. 56). A primeira dessas três modalidades é a “primeiridade”: “trata-se, pois, de uma consciência imediata tal qual é. Nenhuma outra coisa senão pura qualidade de ser e de sentir. A qualidade da consciência imediata é uma impressão (sentimento) *in totum*, indivisível, não analisável, inocente e frágil” (p. 57). Seria ver ou sentir um fenômeno qualquer, nas suas primeiras impressões advindas de um processo mental liberto de qualquer intervenção do nosso autocontrole ou autopolicimento.

Uma segunda modalidade que trata questões fenomenológicas, segundo Pierce, é a “secundidade”. “Há um mundo real, reativo, um mundo sensual, independente do pensamento e, no entanto, pensável, que se caracteriza pela secundidade” (p. 62). São os elementos triviais, rotineiros que preenchem nosso cotidiano. Aqui nosso pensamento, imaginação e sentimento se tornam concretos, ou seja, se materializam, e se fixam para nossa consciência.

E por terceiro, a modalidade “terceiridade”, que se “... aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo” (p. 68). Podemos perceber dentre as três modalidades peirceanas uma interdependência que resulta em uma nova cognição. A “terceiridade” depende da “secundidade” e esta por sua vez da “primeiridade”.

Uma das principais idéias de terceiridade e, de maior relevância para esse estudo, é aquela de um signo ou representação. Signo, segundo Pierce, significa uma representação, em parte pelo menos, de um objeto que é a causa do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. A representação atribui o uso de uma mente em detrimento ao objeto focado, um interpretante para o signo. “No momento, porém, em que se pretende estudar as características dos signos é indispensável atendê-los como uma correlação entre variáveis” (Epstein, 1999, p. 29).

Para classificar os signos, Pierce adotou uma rede de classificação triáticas (Quadro 1).

Quadro 1 - Classificação dos signos segundo Pierce

Signo 1	Signo 2	Signo 3
Em si mesmo	com seu objeto	com seu interpretante
1º quali-signo	Ícone	rema
2º sin-signo	índice	dicente
3º legi-signo	Símbolo	argumento

Fonte: Santaella, 1987 (Adaptado por Lubachevski).

Comparando com o pensamento de Pierce, Saussure também objetivou uma ciência que tratasse sobre os signos. “Chamá-la-emos de Semiologia (do grego *semion*, ‘signo’). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem” (apud. Nöth, 1996, p. 18).

Dentre tantos legados, Saussure estuda a língua como um sistema ou um código, usando para isso a dicotomia sincrônica e diacrômica. “A análise sincrônica estuda o sistema sígnico num dado ponto no tempo,

sem considerar sua história” (Nöth, 1996, p. 38). Seria, por exemplo, estudar uma edificação, considerada um símbolo, um marco importante para uma determinada comunidade, ignorando sua história de origem. Quanto à segunda dicotomia, tem-se: “A análise diacrônica estuda a evolução de um sistema sígnico no seu desenvolvimento histórico” (p. 38). Retomando o exemplo da edificação citada acima, veria-se que esta evolui num tempo histórico.

O segundo legado Saussureano diz respeito à questão heurística. A Semiologia se caracteriza como sendo a mãe das ciências, sendo assim, num patamar logo abaixo da ciência mãe, se encontra a Lingüística, considerada “...o mais importante de todos os sistemas sígnicos” (Nöth, 1996, p. 23). Pois bem, para que a ciência matriarca, resolva seus problemas de forma heurística, “nada mais adequado que a língua para fazer-nos compreender a natureza do problema semiológico” (p. 23). Para melhor compreender essa relação entre Semiologia e Lingüística admitimos que: “...primeiro, as leis da Semiologia geral são aplicáveis à ciência dos signos lingüísticos; segundo, as leis da Lingüística são um guia heurístico na elaboração da ciência dos signos em geral” (p. 19).

“Desprovida de uma visão científica, como observa Saussure” (Coelho Netto, 1980, p. 16), a teoria da linguagem atravessava várias etapas. Seu caráter diacrônico, historicista, vinha sendo explorado obsessivamente no que tange a sua parte escrita, “...esquecendo-se da língua viva, praticada a todo momento” (p. 16).

No último quarto do século XIX, surgem os Neogramáticos, abrindo um novo horizonte para a Lingüística num âmbito social, ou seja, “esta escola, contrariando a anterior, não aceitava a idéia de que a língua é uma entidade fechada, ressaltando que ela só existe nos sujeitos falantes” (Coelho Netto, 1980, p. 16-17). O verdadeiro mentor dessa mudança, inserido nesta escola, foi Saussure. Foi a partir dele “...que a lingüística assumira o caráter geral que lhe permitirá sair do círculo relativamente estreito do estudo das línguas naturais (português, espanhol, etc.) e aplicar-se aos demais diferentes domínios da comunicação, quer dizer, da atividade humana” (p. 17).

Na teoria de Saussure, segundo Coelho Netto (1980, p. 20), o signo pode ser estudado a partir de

duas partes que o compõem: o significante e o significado. Por significante entende-se “...a parte material do signo (o som que o conforma, ou os traços pretos sobre o papel branco formando uma palavra, ou os traços do desenho que representa, por exemplo, um cão).” (p. 20). Por significado “...o conceito veiculado por essa parte material, seu conteúdo, a imagem mental por ela fornecida” (p. 20).

Quanto à questão do signo, Saussure salienta que o signo lingüístico não é um dado sensorial (som) que representaria alguma coisa. Pelo contrário, há uma idéia, uma imagem mental da coisa. É da associação desta imagem mental com a imagem acústica, que também é abstrata, que resulta o signo. Assim sendo, tanto o significado (imagem mental da coisa, conceito) quanto o significante (imagem acústica, som mentalizado) são abstratos (Couto, 1983, p. 28).

Tomaremos por base teórica a Semiótica e Semiologia, enquanto caminho para elucidar a questão abordada, que é a preservação da cultura ucraniana expressa através dos signos como marcos referenciais.

2. Semiótica urbana como referencial de análise

Procura-se aqui enfatizar a questão da semiótica urbana, numa tentativa de resgatar e explorar elementos que configuram o espaço urbano, preenchendo-o e caracterizando-o dentro de suas peculiaridades. A cidade é um acúmulo de signos que contextualizam o ambiente, qualificando o espaço e sua conseqüente identificação física, social, cultural e econômica. Estas características de identificação da cidade, seu uso, suas transformações e suas relações podem ser apreendidas pela Semiótica e quando mapeadas e analisadas tornam-se importante instrumento para o planejamento urbano (Silva, 2001, p. 16).

Segundo Santaella (1987, p. 96), como teoria científica, a Semiótica de Pierce criou conceitos e dispositivos de indagação que nos permitem descrever, analisar e interpretar linguagens. O que a Semiótica peirceana nos trouxe foram, portanto, as imprescindíveis fundações fenomenológicas e formais para o necessário desenvolvimento de muitas e variadas semió-

ticas especiais: a da linguagem sonora, a da arquitetura, a da linguagem visual, a da dança, a das artes plásticas, a da literatura, a dos gestos, entre outras.

No trato das questões dos marcos referenciais urbanos, à luz da semiótica, não nos torna possível fugir, principalmente, dos clássicos Peirce e Saussure. Eles desenvolveram teorias que sustentam diretrizes capazes de guiar um real estudo a respeito dos signos representativos dos marcos referenciais através da semiótica.

Em suma, a semiótica não é uma chave que abre para nós milagrosamente as portas de processos de signos cuja teoria e prática desconhecemos. Ela funciona como um mapa lógico que traça as linhas dos diferentes aspectos através dos quais uma análise deve ser conduzida, mas não nos traz conhecimento específico da história, teoria e práticas de um determinado processo de signos. (Santaella, 2002, p. 6)

Estudar os marcos referenciais de um determinado espaço geográfico, embasado subjacentemente pela semiótica de Peirce ou semiologia de Saussure, nos remete a pensar que estes signos (marcos referenciais) podem representar grande importância sócio-cultural para todos que convivem, mesmo que sem perceber, identificados e se identificando com destaques sógnicos que ali existem.

Para Lynch (apud, Silva, 2001, p. 4-5), existem três componentes dentro da imagem do meio, que sempre aparecem juntos: identidade, estrutura e significado. Primeiro a identificação de um objeto, o que significa sua diferenciação de outras coisas, seu reconhecimento enquanto entidade separável, isto é, com o significado de individualidade ou unicidade. Em segundo lugar, a estrutura se refere à relação paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos. E por último, esse objeto deve ter algum significado para o observador, seja prático ou emocional. O significado também é uma relação, a diferença destas relações. Enquanto a estrutura se manifesta como consequência direta da forma do lugar, o significado é, em função do conteúdo, vinculado à maneira com que o observador vê e atribui conteúdo às partes formadoras do objeto.

O espaço urbano, constituído por praças, ruas, edificações, avenidas, entre outros, não pode ser pen-

sado isoladamente, ou seja, pensar nos elementos de forma autônoma, eles devem fazer parte de um conjunto. Assim, "...a cidade é resultado da atividade do conjunto que dinamiza suas estruturas, e se denomina contexto urbano. Remodelar esse contexto urbano, significa perceber o espaço dentro de uma lógica global, com vistas num processo onde tudo é signo" (Ferrara, 1986, p. 120).

A luta por uma forma ideal de espaço urbano, objetivando seu perfil e seu caráter, como sugere Ferrara (1986, p. 120), "...é um processo contextual onde tudo é signo". Mas também nos remete a pensar num planejamento urbano que condiga com os recursos de cada lugar-espaço, enquanto potenciais de desenvolvimento. Prudentópolis como qualquer outro município, salvo peculiaridades, contém e está contido por uma vasta seara de signos materiais e não materiais, como por exemplo, o Portal da cidade, a Igreja São Josafat, a Praça do Imigrante, os bordados, os usos e costumes, entre outros. Estes signos representam não somente a manifestação da cultura ucraniana neste espaço, mas também um grande potencial turístico para o município.

O espaço urbano, por via dos lugares, modifica-se através dos usos, os lugares, aqui entendidos como preenchedores do espaço, tendem a se adaptar conforme suas necessidades e também por decisões de órgãos ou instituições influentes. A questão é como surgem os lugares. Segundo Ferrara (1986, p. 186), "...a arquitetura e o urbanismo são produtores de lugares, o uso é um modificador do espaço urbano". Sendo assim, "O ambiente urbano enquanto linguagem é o campo de constante luta de duas partes – o projeto e o uso – que entram em conflito na caracterização de sua forma, seu registro, na determinação do processo de produção e de recepção, na gênese dos seus significados" (p. 187).

Sendo assim, Prudentópolis, com assistência da FAMEPAR (Fundação de Amparo aos Municípios do Paraná), viabilizou a execução de seu Plano de Uso e Ocupação do Solo Urbano em 1996. Este plano trouxe, sem dúvida, avanços para o espaço urbano de Prudentópolis. Foram estabelecidas diretrizes de desenvolvimento através de parcerias para gestão urbana, recomendações para o desenvolvimento urbano e zoneamento. Uma legislação urbana foi apresentada or-

denando o perímetro urbano, o zoneamento do uso e ocupação do solo, o sistema viário, o meio ambiente, o parcelamento do solo, as edificações e as posturas.

Apesar do grande avanço que este plano ofereceu em termos de legislação urbanística, pensando pela primeira vez o espaço urbano de Prudentópolis como um todo, negligenciou os aspectos culturais, falha esta bastante presente no planejamento urbano que vigora no país. Desta forma, o plano, que deveria garantir a preservação do patrimônio cultural e paisagístico da cidade, transformou-se numa ameaça à preservação de sua cultura.

A maior ameaça que este plano apresenta é a de estabelecer um Coeficiente de Aproveitamento (rela-

ção entre a área total construída e a área do terreno) igual a 4 (quatro) e um gabarito de altura (número máximo de pavimentos) de 12 (doze) pavimentos na Zona Central de Comércio e Serviços (Quadro 02). O estabelecimento destes índices urbanísticos permite uma verticalização descabida desta área, obstruindo a paisagem urbana, ou seja, impossibilitando a visualização do conjunto das edificações vultosas da cidade, como a Igreja de São Josafat, o Santuário Nossa Senhora das Graças, a Igreja Matriz de São João e o Colégio São José, que representam parte importante de seu patrimônio cultural não apenas ligado a etnia ucraniana. Esta Zona corresponde a 33 quadras concentradas, sobretudo, ao longo da Avenida São João.

Quadro 2 - Ocupação do solo, segundo a zona - Prudentópolis

Zona	Altura máx. (pav.)	Testada/Lote mínimo (m/m ²)	Taxa de Ocupação (%)	Coef. de aproveitamento	Recuo frontal (m)
ZR	2	12/360	50	1	5
ZC	12	12/360	75 no térreo e sobreloja 50 nos demais pavimentos	4	Facultado**
ZS	2	12/360	50	1	10
ZI	2	20/1500	50	1	15
ZV	2	20/900	50 a 30*	1	5

Nota: ZR= Zona Residencial ZC= Zona Comercial ZS= Zona de Serviço
 ZI= Zona Industrial ZV= Zona Verde

* Varia em função do tamanho do lote e da área coberta por vegetação

** Para mais de 4 pavimentos, afastamento mínimo de 2m, com soma igual a 5 m

Fonte: FAMEPAR (1996) – (Adaptado por Lubachevski)

Impedir a verticalização da área central não significa negar o direito da população prudentopolitana de acesso à modernidade, aqui representada pela construção de edifícios de apartamentos, mas sim estabelecer um planejamento coerente com o crescimento da cidade e que respeite seus padrões culturais, ou seja, seu patrimônio paisagístico e edificado. Este tipo de planejamento é comum na Europa e representa uma linha bastante inovadora do planejamento no Brasil.

3. Marcos referenciais: conceitos e tipologia

Os marcos referenciais tem significado e importância para um determinado espaço-lugar. Uma gran-

de parcela da população ou comunidade identifica os marcos como uma “... referência física, cultural, histórica ou psicológica relevante para a construção do seu espaço existencial” (Oba, 1998, p. 1). Estes elementos referenciais organizam e sintetizam a conveniência dos indivíduos que sabem se localizar ou localizar alguém por intermédio dos marcos referenciais.

A análise dos marcos referenciais pode esclarecer a gênese, ou seja, as circunstâncias e as razões que levaram ao seu surgimento, as formas de apropriação, e a transformação no tempo. “O processo de transformação traz implícito uma redefinição dos marcos urbanos a cada novo período, seja pelo processo de sua superação e declínio, podendo inclusive levar ao seu desaparecimento, ou seja, por um processo de restauração e ressurgimento com novos conteúdos” (Oba,

1998, p. 1).

Os monumentos e obras ou construções que se caracterizam como marcos referenciais, na sua grande maioria não surgem com esse propósito *a priori*, eles demandam uma necessidade social, uma carência de cunho coletivo ou particular.

Os marcos referenciais urbanos são produtos sociais e culturais vinculados ao processo de construção da cidade e da sua identidade. São produzidos ou podem surgir espontaneamente como materializações dos anseios e necessidades sociais. Sofrem transformações e podem desaparecer ou permanecer adquirindo novos significados. (Oba, 1998, p. 3)

Espacialmente, os elementos de uma cidade podem ser entendidos também como símbolos. Eles podem ser definidos como marcos de duas maneiras distintas: na primeira, o elemento é visível a partir de muitos outros lugares, portanto, a localização é crucial; e na segunda, fundamental é a existência de contraste local com os elementos vizinhos, pode ser a variação no recuo e/ou altura. A importância de um marco pode ainda ser reforçada, quando este colabora na decisão dos usuários quanto ao trajeto a seguir. Também aumenta o valor enquanto marco quando o objeto está ligado a uma história, um sinal ou um significado. Os sons e cheiros e os usos também podem reforçar os marcos visuais (Silva, 2001, p. 6).

Ainda para Silva (2001), os marcos influenciam seu entorno imediato induzindo transformações, dinamiza-o ou leva-o a decadência. Quando os marcos, ao longo do tempo, sofrem transformações que induzem a sua valorização, dinamizam o seu entorno. Contrariamente, quando estas modificações proporcionam o seu declínio levam o conjunto urbano onde se inserem a acompanhar a sua decadência.

O marco é um signo que indica alguma coisa, essa relação de indicação é campo de estudo da Semiótica. Semiótica ou Semiologia, como vimos anteriormente, é a ciência ou Teoria Geral dos Signos. “O signo não é, pois, um objeto com determinadas propriedades, mas uma relação ou uma função” (Epstein apud. Silva, 2001, p. 9).

Um signo ou *representâmen* é aquilo que, sob certo

aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que eu, por vezes, denominei *fundamento* do representâmen. (Peirce, 1999, p.46)

Preservar a cultura, neste caso, significa não apenas resgatar e valorizar os marcos referenciais, mas preservar a identidade do lugar em questão. A cultura é um macro-sistema de signos, assim sendo, todos os fenômenos culturais, em geral, são por definição semióticos (Couto, 1983, p. 32).

A nova ordem promovida pelo modo de produção capitalista introduziu, entretanto, novas tipologias de edifícios urbanos para atender às necessidades, usos e práticas urbanas então inéditas.

A hierarquia pela dimensão física das construções, ou mesmo pela importância dos seus usos tornou-se ambígua e aleatória. Neste contexto, a degradação física, o esvair de conteúdos e mesmo o desaparecimento dos antigos marcos referenciais, antes mesmo da consolidação de novos, possivelmente contribuíram para levar as cidades a perderem temporariamente a sua identidade e estruturação espacial. (Oba, 1998, p. 5-6)

São muitos os exemplos do descaso para com os marcos referenciais, entre eles, a ausência de uma consistente política de tombamentos para o patrimônio edificado e a fragilidade das leis urbanísticas. Este descaso compromete os marcos enquanto símbolo de identidade. Os marcos são vítimas também dos processos ditos modernos, do real sistema capitalista.

4. A cultura ucraniana em Prudentópolis: uma leitura através de seus marcos

O município de Prudentópolis destaca-se, entre outros, pelo elevado percentual de imigrantes ucraniana-

nos e descendentes, que já estão na quarta e quinta geração. Segundo dados do Departamento de Cultura de Prudentópolis (2001), 75% dos habitantes do município são de origem ucraniana. A manutenção da língua, usos e costumes, folclore e tradições deve-se, sobretudo, à influência da igreja e aos próprios imigrantes.

A cultura ucraniana se materializa no espaço urbano de Prudentópolis através de edificações e monumentos. Entre os principais destaques da manifestação espacial desta cultura, representando verdadeiros marcos referenciais, têm-se: o Portal da Cidade a Igreja de São Josafat e o Colégio São José.

Estes marcos da cultura ucraniana são descritos a seguir com base em dados dos arquivos do Museu do Milênio, dos arquivos do Departamento Municipal de Cultura, do Inventário Turístico de Prudentópolis e de observação *in loco*.

4.1. Portal da Cidade

O portal localiza-se na entrada principal da cidade, cujo acesso é possível pela BR 373, que liga Ponta Grossa a Guarapuava. É a partir do portal que tem início a Avenida São Josafat, outro importante elemento representativo da cultura e religiosidade ucraniana.

O portal foi inaugurado em 11/11/1995 pela Prefeitura Municipal, utilizando-se de elementos simbólicos locais e regionais. O lado esquerdo do portal, para quem vai entrar na cidade, representa o pinhão, semente do pinheiro do Paraná. Esta espécie é característica da Mata de Araucária, cobertura vegetal original do município ainda bastante presente, e representa também o Escudo do município com a inscrição Prudentópolis. No lado direito, a arquitetura representa o estilo bizantino e os pinheiros nativos em baixo relevo. Circundando a coluna, nas cores vermelho e preto, o barrado representa o bordado ucraniano. A cobertura em ardósia protege e une todos estes elementos em uma só construção, o que significa a população lutando pelo mesmo desenvolvimento humano, cultural, religioso, educacional, político e social de Prudentópolis.

A cúpula abobadada e as pinturas típicas são os elementos do Portal que representam a cultura ucraniana. Estes são característicos das igrejas em estilo bizantino, do rito católico oriental ucraniano, que se destacam em alguns locais da cidade e no meio rural do mu-

nicipio. A técnica construtiva das abóbadas consiste na construção de uma estrutura em madeira de pinheiro, que depois é coberta por chapas de alumínio reluzente com ornamentos criados por uma prensa. As chapas são encaixadas e pregadas umas nas outras sobre a estrutura de madeira.

Observa-se, através deste portal, que é possível se resgatar e/ou preservar uma cultura através de atuações do poder público municipal. O resgate da identidade da população neste portal de entrada é um exemplo que deveria ser seguido por outros municípios.

4.2. Igreja de São Josafat

A primeira sede paroquial foi uma capela provisória, localizada entre a Avenida São João e o colégio das irmãs SIVM. Posteriormente foi construída a Igreja de São Basílio, que foi desmanchada, onde hoje se localiza o Colégio Imaculada Virgem Maria. No dia 18 de abril de 1923, realizou-se a bênção da pedra fundamental da atual Igreja de São Josafat, sita à rua do mesmo nome. A construção da igreja foi terminada em 1928. A igreja é considerada uma das mais belas do país, possui 38 metros de comprimento, 28 de largura e 30 de altura. Possui quatro abóbadas representando cada uma os braços da cruz e uma central maior, cobrindo a nave da Igreja. Suas torres e abóbadas retratam seu estilo bizantino.

O seu interior é original e rico, sua ornamentação é bastante detalhada. Além da beleza das pinturas, merece destaque o “Ikonostás”, conjunto de quadros, contendo a história da salvação. O interior da igreja é dividido em três partes:

1.) Vestíbulo – é a parte da entrada pela porta principal. Nos primeiros séculos do cristianismo, o vestíbulo era reservado às pessoas que estavam se preparando para o batismo;

2) Nave – é o corpo principal da igreja, onde os fiéis se reúnem. No centro da nave está o “tetrapód” onde são celebradas as cerimônias: casamentos, “parastás” (breve missa pelos falecidos de sétimo dia), “panakhêdas” (missa pelos falecidos no período da quaresma) e outras. As laterais possuem dois altares menores, o do Sagrado Coração de Jesus e o de Nossa Senhora. Ao lado deste segundo altar esta o púlpito, em forma de barca. A barca toda em madeira – com sua rede de pesca, peixes, velas e cordas – faz refe-

rência ao apóstolo São Pedro.

3) Santuário – é a principal divisão da igreja. No centro deste temos o altar-mor, onde é celebrada a Santa Missa e onde se encontra o tabernáculo (tendo formato de miniatura de igreja), Santo Evangelho, crucifixo e castiçais. O santuário é separado da nave dos fiéis pelo “Ikonostás” (parede com imagens), que possui três portas. Pela porta central só é permitida a entrada ao celebrante, durante a missa. As portas laterais chamam-se “portas dos diáconos”. Entre elas situam-se as imagens de Cristo, da Virgem Maria, de São João Batista e São Nicolau. Acima das três portas do “Ikonostás” há três filas de imagens, que representam os 12 dias santificados mais importantes do ano, os 12 apóstolos e 12 profetas. No cume do “ikonostás” tem-se a imagem do Cristo Redentor. Este “Ikonostás”, com seus ícones sacros, foi esculpido e entalhado em madeira em Munique (Alemanha). A arte dos trabalhos em madeira, o artesanato das toalhas bordadas nos altares e as relíquias trazidas da Ucrânia embelezam o interior da igreja. Junto ao santuário existem duas sacristias laterais.

No jardim que contorna a igreja tem-se ainda o campanário, com seis sinos, uma estátua de Cristo Rei e uma gruta, com a imagem de Nossa Senhora de Lurdes, e a sua esquerda uma pia batismal.

No ano de 1979 a Igreja de São Josafat foi tombada como patrimônio artístico e cultural do Paraná, pela Secretaria de Cultura do Estado, por possuir beleza particular que realça a paisagem urbana. O tombamento da igreja representa mais uma ação do poder público para a preservação da cultura ucraniana. Embora esta tenha sido uma atuação do governo estadual, iniciativas como esta devem ser intensificadas pelo poder público municipal. Este tipo de ação muito pode contribuir para a preservação da cultura e identidade da comunidade ucraniana local.

4.3. Colégio São José

O Colégio São José, Ensino Médio, foi fundado em 1935 pelos Padres Basilianos. Foi construído em estilo eclético. O colégio situa-se na Rua Cândido de Abreu, 1636, numa área total de 11.258 m², sendo 5.239 m² de área construída. Sua volumetria e beleza proporcionam destaque na paisagem urbana. Funciona como estabelecimento de ensino particular de regi-

me interno.

A finalidade primária do colégio é a de ser seminário. Desde sua fundação até dias contemporâneos instrui e educa jovens, preparando-os a abraçarem, no futuro, o estado sacerdotal (Hotz, 1972, p. 101). De modo geral, preocupa-se com a formação da pessoa humana e o desenvolvimento de suas qualidades físicas, morais e intelectuais. A manutenção da cultura ucraniana é também uma das questões centrais do colégio, sobretudo, a religiosidade.

Embora, este colégio, seja um marco da cultura ucraniana na paisagem urbana de Prudentópolis, o alto custo de manutenção de sua edificação tem levado a procedimentos que contribuem para sua descaracterização. Exemplo disto foram as substituições, nos últimos anos, das antigas janelas de madeira por novas em alumínio. O tombamento municipal desta edificação poderia ser um instrumento para garantir a preservação de suas características originais.

Considerações finais

Os símbolos urbanos não são permanentes e exclusivos. Alguns se esvaem em conteúdos e outros desaparecem fisicamente. Novos referenciais surgem, frutos de novas necessidades, novas ideologias e novos determinantes históricos. Seria desejável que o surgimento de novos referenciais não significasse necessariamente a destruição dos antigos.

Os símbolos apresentam algumas características próprias como, por exemplo, a de recobrir cargas de significado que muitas vezes não podem ser expressas por palavras, ou como diz Jung (apud. Epstein, 1999, p. 67-65): “...Uma palavra ou uma imagem é simbólica quando representa algo mais que o seu significado imediato e óbvio. Tem um aspecto ‘inconsciente’ que nunca está definido com precisão ou completamente explicado”.

A semiologia, através de seus clássicos nos oferece os paradigmas para uma análise dos elementos que constituem o espaço urbano. Saber classificar, discernir e orientar esses elementos significa contribuir para um planejamento ordenado de todas as naturezas possíveis, quanto ao potencial que estes elementos podem oferecer.

É nesta ótica de pensamento que debruçamos nossas reflexões e críticas para o caso de Prudentópolis. Esta cidade é rica em edificações vultosas como a Igreja de São Josafat, o Santuário Nossa Senhora das Graças, a Igreja Matriz de São João e o Colégio São José, que representam parte importante de seu patrimônio cultural não apenas ligado a etnia ucraniana. Estes marcos referenciais estão hoje sendo ameaçados pelo estabelecimento de gabaritos de altura de até 12 pavimentos no principal eixo da cidade (Avenida São João). Isto permite uma descabida verticalização, obstruindo a paisagem urbana, ou seja, impossibilitando a visualização do conjunto patrimonial paisagístico.

Os elementos urbanísticos, que predominam na imagem paisagística de Prudentópolis, caracterizam a cidade através de sua evolução no tempo. Imagem esta, que traz na memória dos habitantes uma sensação de estar contido num cenário de identidades.

Saber planejar o espaço urbano se tornou o desafio contemporâneo não só nas cidades brasileiras, mas em muitos países do globo terrestre. Uma nova onda comportamental da sociedade exige um despertar dos lugares, para atender a novas demandas. É a onda do turismo, na qual pessoas e lugares devem se adaptar para que ambas as partes ganhem. Para muitas cidades, essa realidade se tornou, uma alternativa bastante vantajosa, tanto no aspecto econômico, como também, no cultural. É preciso conservar para ser diferente.

REFERÊNCIAS

- 1 COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- 2 COUTO, H. H. do. **Uma introdução à Semiótica**. Rio de Janeiro: Presença, 1983.
- 3 DEPARTAMENTO DE CULTURA. **Arquivos**. Prudentópolis.
- 4 EPSTEIN, I. **O Signo**. 6. ed. São Paulo: Ática. 1999.
- 5 FAMEPAR. **Plano de Uso e Ocupação do Solo - Prudentópolis**. Curitiba: SEDU, 1996. 137p.
- 6 FERRARA, L. D' A. **A estratégia dos signos**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- 7 HOTZ, A. **Prudentópolis: sua terra e sua gente**. Prudentópolis: [s.n.], 1972. 176p.
- 8 JUNG, C. **El hombre y sus símbolos**. Madrid, Aguilar, 1974. p. 20.
- 9 LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997
- 10 MUSEU DO MILÊNIO. **Arquivos**. Prudentópolis.
- 11 NÖTH, W. **A semiótica do século XX**. São Paulo: Annablume, 1996.
- 12 OBA, L. T. **Os marcos urbanos e a construção da cidade**. São Paulo, 1998. 327 f. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- 13 PEIRCE, C. S. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- 14 SANTAELLA, L. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Thomson, 2002.
- 15 SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- 16 SILVA, J. M. **Os Marcos Referenciais na Estruturação Sócio-espacial da Cidade de Concórdia – SC**. Curitiba, 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná.